



## **Rádio Comunitária no contexto dos movimentos sociais e culturais populares: Estudo de caso da FM Central de Capuan<sup>1</sup>**

**Jocasta Holanda Bezerra<sup>2</sup>**  
**Faculdade Evolutivo, Fortaleza, Ce**

### **Resumo**

O artigo investiga a utilização do rádio para fins sócioeducativos dentro do contexto dos movimentos sociais e culturais populares, servindo como uma prática para instigar a problemática da democratização dos meios de comunicação de massa no Brasil. Tem-se como objeto de estudo a Rádio Comunitária FM Central de Capuan, organizada por indígenas da etnia Tapeba, da cidade de Caucaia, em Fortaleza-CE. Questiona-se como a emissora cumpre o seu papel de tornar-se um instrumento de integração e organização das comunidades indígenas Tapeba, fortalecendo e contribuindo para a divulgação das suas lutas. A pesquisa utilizou-se de levantamento bibliográfico, pesquisa documental e de campo. Esta foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas e observação da produção e recepção dos programas pelos índios Tapeba.

**Palavras-chave:** Índios Tapeba; Movimentos sociais e culturais populares; Rádios comunitárias.

### **Introdução**

Esta pesquisa tem como tema as rádios comunitárias e sua utilização para fins sócioeducativos, servindo como uma prática para instigar a problemática da democratização dos meios de comunicação de massa no Brasil, historicamente utilizados para legitimar interesses dominantes de grandes grupos econômicos e políticos. As rádios comunitárias organizadas por movimentos sociais e culturais populares têm seu papel ampliado, pois surgem com propósitos de utilizar o meio como um espaço de articulação, organização e conscientização política. Nesse sentido, a pesquisa delimita a análise enfocando como objeto de estudo a Rádio Comunitária FM Central de Capuan, organizada pelo movimento indígena Tapeba, localizada na comunidade do Capuan, em Caucaia, região metropolitana de Fortaleza.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

<sup>2</sup> Graduanda 8º semestre do curso de Comunicação Social da Faculdade Evolutivo (FACE), Fortaleza, Ce. E-mail: jocastrapoty@hotmail.com.



A FM Central de Capuan está inserida no processo de mobilização social, cultural e política dos índios Tapeba e busca ser um canal de ativação social das comunidades indígenas Tapeba, refletindo sua atuação também para outros povos indígenas do Ceará e ainda para não-indígenas. A trajetória pela conquista da concessão e legalização do canal da rádio comunitária foi marcada por intensa mobilização, articulação e luta dos povos indígenas durante uma história de quase dez anos.

O objetivo geral desta investigação foi verificar como a FM Central de Capuan contribui para a integração e organização dos Índios Tapeba. Procurou-se analisar também o papel que a emissora comunitária cumpre no cotidiano das vivências sociais e culturais dessa comunidade.

Em um primeiro momento a pesquisa propõe a compreensão do universo em que o objeto de estudo está inserido. Dessa forma, analisa-se a trajetória de utilização do rádio no Brasil, como instrumento estritamente comercial e de promoção político-ideológico, isso numa perspectiva dominante. Em contrapartida, também são analisadas outras utilizações sociais e políticas do rádio para o apoio de ações políticas de minorias, que são desenvolvidas através das rádios comunitárias, com sua proposta de contribuir para a democratização da comunicação por meio da ampliação da participação social.

Apresenta-se também a história e luta dos índios no Ceará, mais especificamente a etnia Tapeba, pela sua reafirmação identitária e luta política na atualidade.

Por fim, apresenta-se a trajetória de luta pela criação da rádio comunitária, a análise da produção dos programas e os resultados da pesquisa de recepção realizada com os ouvintes da FM Central.

Para a realização desta pesquisa utilizou-se levantamento bibliográfico, pesquisa documental e de campo. Esta foi realizada através do uso de técnicas qualitativas como: entrevistas semi-estruturadas e observação da produção e recepção dos programas pelos índios Tapeba.

## **1.0. O rádio: de instrumento comercial e político dominante a porta-voz da comunidade**

O rádio surge no Brasil com uma proposta inicial de meio educativo, mas logo se torna um instrumento estritamente comercial e de promoção político-ideológico dominante. Em contraposição, o surgimento das rádios comunitárias, com sua proposta



de caráter público, representa uma proposta para democratizar a comunicação por meio da ampliação da participação social.

A trajetória de utilização do rádio ligado a propostas educativas no Brasil é marcada basicamente pela restrição a poucas emissoras, o que não demonstra o percurso da proposta idealizada inicialmente para o meio<sup>3</sup>. O rádio no Brasil assume um caráter eminentemente político e comercial. Nos finais da década de 1990 as emissoras educativas do país correspondiam a menos de 5%<sup>4</sup> do total da rede de radiodifusão e, apesar do pequeno número, ainda em sua maioria não correspondem aos objetivos de uma educação à distância.

A ascensão do rádio como um empreendimento comercial segue em paralelo ao próprio desenvolvimento político-econômico do país. A partir da década de 1930, com a legalização da publicidade, o rádio mostra-se um meio extremamente eficaz para incentivar o mercado consumidor (ORTRIWANO, 1985). Na década seguinte inicia a fase de apogeu do rádio, onde o meio começa a se estruturar como veículo de comunicação de massa e assume o caráter de “espetáculo massivo” (FERRARETTO, 2001). E assim o rádio se tornou - no início da década de 1950 - a primeira expressão das indústrias culturais no Brasil.

O rádio também assumiu importante influência no cenário político ao longo da história do país, tornando-se aos poderes hegemônicos um instrumento político-ideológico ou mesmo político-eleitoral. No governo Vargas, adquiriu um significado político-ideológico, que, mais do que a difusão do modelo governista, serviu para legitimar um tipo de sociedade e um quadro de valores éticos (GOLDFEDER 1980 apud FERRARETTO, 2001). Durante a Ditadura Militar, tornou-se um instrumento de integração do território nacional para fins de consolidação do poder dos militares, marcado também pela forte repressão e censura e pela exploração do serviço radiofônico (FERRARETTO, 2001). Com a abertura democrática as concessões de emissoras de rádio passam a ser utilizadas como forma de barganha política, mais intensamente no governo do presidente José Sarney (FERREIRA, 2001). A partir desse período se intensificou o número cada vez maior de políticos detentores de canais de emissoras de rádio em todo o país, um fenômeno que permanece até os dias atuais.

---

<sup>3</sup> A primeira emissora do Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, foi criada em 1923, por Roquette Pinto, com os ideais de transmitir educação e cultura às massas (FERRARETTO, 2001, p. 97).

<sup>4</sup> Dado de 1999, segundo Pimentel (1999, p. 87)



Observa-se nesse cenário que o uso educativo do rádio apresenta-se de forma pouco tímida. A predominância é, portanto, para a concentração da radiodifusão nas mãos de grandes grupos econômicos e políticos, ou seja, a proeminência dos interesses hegemônicos. Contudo, outra forma de utilização do rádio pretende reforçar o uso do meio para fins sócioeducativos: as Rádios Comunitárias.

As emissoras comunitárias autênticas contam “com gestão participativa, representação plural da população em sua programação, que é totalmente elaborada pela comunidade” (NUNES, 2002, p. 09). Essas emissoras são resultantes da organização de movimentos sociais e culturais populares.

No contexto desses movimentos populares se desenvolvem experiências de comunicação que podem ser denominadas de “populares” ou “comunitárias”. Tais experiências evidenciam características próprias, entre elas, o exercício da participação direta, “onde se faz possível que os receptores das mensagens dos meios de comunicação se tornem também produtores das mesmas, se tornem emissores do processo de comunicação” (PERUZZO, 2008, p.139). John Downing (2002) caracteriza esse processo de produção de conteúdo e de mídias pelos próprios receptores a partir do conceito de *mídia radical alternativa*. O autor explica que a *mídia radical* poderia ser entendida como uma expressão de culturas excluídas, que exprimem suas prioridades e aspirações com “uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas” (DOWNING, 2002, p. 21).

Dessa forma, a comunicação popular pode ser vista como antagônica em relação às classes dominantes, uma vez que é protagonizada pela organização de pessoas das classes subalternas. Nesse sentido, pode-se afirmar que a comunicação popular se contrapõe também à comunicação de massa e representa um papel de “cultura de resistência” ao sistema reprodutor da ideologia dominante (FESTA 1982 apud PERUZZO, 1998, p. 134).

As Rádios Comunitárias são uma alternativa que possibilita que propostas comunicativas advindas das classes subalternas possam tornar-se realidade. Dessa forma, contribuem para a promoção da cidadania, por meio da participação popular na produção e transmissão de suas mensagens. Assim, só faz sentido intitular como autenticamente comunitárias<sup>5</sup> as emissoras que surgem como instrumento de

---

<sup>5</sup> A grande maioria das emissoras denominadas “comunitárias” vem “assumindo um papel nitidamente instrumental, quer seja para fins político-partidários, (...) quer para fins comerciais, desvirtuando-se do seu real papel que seria a promoção dos interesses autenticamente comunitários”. (NUNES, 2002, p. 02).



mobilização/conscientização dentro dos movimentos sociais, uma vez que fogem aos propósitos hegemônicos e promovem a cidadania.

## **2.0. Índios Tapeba, os caminhos da afirmação identitária e da luta política na atualidade**

A história do Brasil é marcada pelo processo migratório/colonizador iniciado há 500 anos e que se estende até o início do século XX, o qual provocou a extinção de muitos povos indígenas - por meio de doenças, guerras ou mesmo pelo processo de aculturação - e a contínua ocupação das suas terras<sup>6</sup>.

O processo de expulsão e extermínio dos povos indígenas no Nordeste e, mais especificamente, no Ceará não difere muito do processo ocorrido no território nacional. Os índios no Ceará sofreram um intenso e violento processo de extermínio, aculturação e assimilação à população local não-indígena. Processo pelo qual vários povos desapareceram e outros tantos tiveram suas terras incorporadas às propriedades nacionais por meio da alegação da “não existência” de índios em terras cearenses no século XIX (VALLE, 2009).

A presença indígena no Ceará deixou de ser ignorada recentemente, quando na década de 1980 reaparecem as etnias Tapeba e Tremembé reivindicando sua etnicidade (RATTS, 2009). Esse “reaparecimento” representa um novo marco na história desses povos, que ao longo de vários séculos lutaram pelos seus direitos e ainda continuam lutando pela demarcação de suas terras e pelo reconhecimento de sua identidade étnica.

Conforme aponta Gerson Júnior (1998) a partir da organização dos índios Tapeba e o encaminhamento de suas reivindicações para a FUNAI na década de 1980, iniciou-se uma intensa discussão a respeito da presença indígena no Ceará e, posteriormente, o seu reconhecimento oficial. Dessa forma, como os próprios índios Tapeba comunicam em seu site, “ser reconhecido como índio Tapeba é uma conquista recente” (TAPEBA<sup>7</sup>).

Segundo os estudos do antropólogo Henyo Trindade Barretto Filho (1993) não há uma definição precisa que determine a procedência e a composição desses índios que

---

<sup>6</sup> A população original de índios foi estimada em torno de um a dez milhões. Atualmente, existem cerca de 460 mil índios no Brasil, distribuídos entre 225 sociedades indígenas, que representam cerca de 0,25% da população brasileira. (HÁ 500 ANOS. FUNAI. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.html>> Acesso em: 30 ago. 2009).

<sup>7</sup> NOSSA HISTÓRIA. TAPEBA. Disponível em: <<http://www.tapeba.com.br/nossa-historia.php>> Acesso em: 26 mar. 09.



se autodenominaram Tapeba. Considera-se, no entanto, que os Tapeba foram fruto de “um lento processo de articulação e individuação étnica” (BARRETTO FILHO, 1993, p. 05). Alguns agentes envolvidos na disputa em torno dos critérios de definição da ‘identidade Tapeba’ – notadamente, a Equipe Arquidiocesana de Fortaleza, que prestou assistência inicial a esse processo de reconhecimento da etnia Tapeba – sustentam até hoje a hipótese de que os Tapeba sejam o resultado de três grupos indígenas: Os potiguares, os tremembés e os cariris<sup>8</sup>.

A etimologia da palavra Tapeba deriva do Tupi-guarani, segundo acordo entre vários autores, constituindo uma variação fonética de *Itapeava* (de *itá/tá*, "pedra"; e *peva*, "plano", "chato"): "pedra plana", "pedra chata", "pedra polida", etc (BARRETTO FILHO, 1993, p. 04).

Os Tapebas foram reconhecidos oficialmente como indígenas pela FUNAI em 1985. As terras Tapeba, no entanto, só foram identificadas e delimitadas em 1993, constituindo uma área de 4.658 hectares, sendo que a demarcação, só foi feita quatro anos depois. Apesar disso, a homologação e o registro cartorial das terras, que são as últimas etapas do processo demarcatório, ainda não foram concluídas. Os Tapeba ainda aguardam o remanejamento da população não-indígena das terras demarcadas e o fim das contestações judiciais (TAPEBA<sup>9</sup>).

Atualmente, os índios Tapeba habitam áreas – sítios rurais, povoados, vilas, bairros do perímetro urbano, manguezais – geográfica e ecologicamente distintas de distritos no município de Caucaia, localizado a 16 Km da cidade de Fortaleza (BARRETTO FILHO, 1993). Essas áreas ocupadas pelas comunidades indígenas Tapeba apresentam características contrastantes, pois há desde áreas habitadas quase que exclusivamente por Tapeba até áreas onde a presença Tapeba está totalmente espalhada, como é o caso dos bairros do perímetro urbano da sede do município de Caucaia. Destaca-se também a significativa presença indígena nas áreas de ocupação dos “domínios da União”, ou seja, nas áreas onde a posse da terra ainda não foi regularizada como indígena (BARRETTO FILHO, 1993).

Esse processo de ocupação dos “terrenos da União” tem na verdade um significado político bem mais amplo. É a mobilização para a regularização fundiária das terras, que na verdade pertencem a esses povos, através das “retomadas de terras”. Conforme Tófoli (2009), quando os indígenas “reaparecem” no cenário regional, o

---

<sup>8</sup> Ibid. Acesso em: 26 mar. 09.

<sup>9</sup> Ibid. Acesso em: 26 mar. 09.



processo das “retomas de terras” passou a ser um mecanismo de luta e resistência dos grupos indígenas pela posse de terra e pelo reconhecimento étnico.

Vale ressaltar que o “reconhecimento” dos grupos indígenas no Ceará apresentou oposições e problemas complexos, sobretudo por pressões de natureza política, exercidas por grupos econômicos que insistem em negar a legitimidade dos direitos indígenas, questionando a autenticidade das suas identidades, a fim de defender interesses particulares. Esse foi, e continua sendo, o principal entrave para o “reconhecimento” da identidade étnica no contexto local (OLIVEIRA JUNIOR, 1998).

Além do processo de luta pela terra destaca-se também o processo de reelaboração dos referenciais culturais desse grupo. Os índios Tapeba vivem em intenso e permanente contato com os “brancos”, seja no desenvolvimento de atividades produtivas, casamentos, relações de proximidade social, de relações de vizinhança ou mesmo pela cordialidade com não-Tapebas (BARRETTO FILHO, 1993).

Conforme o sociólogo Kleber Saraiva (2001, p. 04) “toda cultura se transforma independente do grupo social, étnico ou racial que a abriga”. Dessa forma, a cultura não é algo estático, ela se transforma, é modificada ou reelaborada, como exemplifica Ratts (2009, p. 22) com a dança do Torém:

Na dança do Torém misturam-se cantos “na língua dos índios” e em português que assinalam a reelaboração da cultura e do território indígena: “to escutando a mata sou o pajé de toda a aldeia, os índios reunido brandeia mas não arreia” (canto da autoria de João).

Nesse sentido, é preciso entender que o índio atualmente é um grupo étnico distinto dos “brancos”, mas que através do contato com outras culturas passa por constante processo de reelaboração e, com isso, incorpora outros referenciais culturais (SOUSA, 2001).

O artesanato, além de ser uma das atividades produtivas, representa parte da cultura dos índios Tapeba. A culinária, o conhecimento de ervas naturais medicinais e os rituais sagrados, os cantos e as danças ancestrais, como o Toré, também representam algumas expressões de reafirmação de sua identidade étnica. No contexto atual de mobilização social e política desses grupos, esses mecanismos são utilizados por esses povos como forma de expressão para afirmar suas identidades diante da sociedade não-indígena. A linguagem estético-corporal (dança, pintura e ornamentos), as escolas diferenciadas, os museus e memoriais também podem ser citados como formas de expressão da diferenciação étnica.



Nesse sentido, a FM Central de Capuan também é um elemento de afirmação étnica, pois a emissora é vista pelos Tapeba como uma “rádio indígena” e como um instrumento capaz de integrar e organizar as comunidades indígenas com o objetivo de ampliar e fortalecer suas lutas.

### **3.0. Rádio Comunitária FM Central de Capuan**

A Rádio Comunitária FM Central do Capuan funciona em frequência modulada, com faixa de operação em 104,9 MHz, potência restrita a 25 watts e vinculada à Associação dos Moradores e Comunicadores do Capuan – AMCC, de acordo com os termos legais regulamentados na Lei nº 9.612, que legaliza e autoriza o serviço de radiodifusão comunitária. A rádio está instalada na residência do índio José Alves de Sousa (52 anos), localizada em Capuan, distrito do município de Caucaia, região metropolitana de Fortaleza, Ceará. A concessão para funcionar legalmente como uma rádio Comunitária, no entanto, foi conquistada com muita luta após quase dez anos das primeiras transmissões da emissora.

A ideia da criação da rádio comunitária surgiu no ano de 2000, a partir do interesse inicial do índio José Alves de Souza, que já trabalhava na rádio comunitária Continental, organizada por uma Igreja Católica da região. Nesse ano, o senhor J. Alves de Souza, representando a comunidade dos índios Tapeba, manifesta o interesse para criação da emissora à antiga Delegacia das Comunicações, localizada na cidade de Fortaleza. No entanto, pelo seu pouco conhecimento a respeito dos procedimentos legais, não esperou a autorização necessária para se começar de fato as atividades da rádio. No mesmo ano, os índios se mobilizaram e conseguiram os equipamentos necessários e colocaram a emissora no ar. Dessa forma, a rádio foi colocada no ar sem autorização, configurando-se, assim, como uma emissora “pirata”, para o julgamento das políticas de concessão de rádio no Brasil.

Apesar do interesse mais particular inicial, o decorrer da experiência de instalação da emissora, no entanto, traz a dimensão coletiva, que constitui o caráter de uma rádio comunitária.

Durante essa primeira fase de funcionamento, a rádio representou uma experiência muito positiva para fortalecer o movimento indígena no seu caráter político e de integração entre as comunidades. Desde as primeiras experiências, a emissora também contribuiu bastante para fortalecer a cultura Tapeba dentro das Aldeias. De



acordo com Adelson Silva, desde o início havia um espaço destinado exclusivamente para divulgar informações e a cultura indígena, através do programa “Tapeba Resgate para a Vida”.

O povo entrava e fazia o Toré ai dentro do estúdio. Ai batia tambor, fazia aquela zuadona, assim fechado né, ai saia assim no ar, saia legal. Ai pessoal falava “poxa foi bom e tal!” (Adelson Silva, entrevistado em setembro de 2009).

O programa era voltado exclusivamente para falar sobre o movimento indígena: a cultura indígena Tapeba, os eventos, o Toré, as escolas diferenciadas, a medicina dos índios, reuniões da saúde, o processo demarcatório de terras e o impasse com os posseiros, enfim, transmitir conteúdo – informações e músicas – sobre o movimento indígena.

Em 2003, após os três anos que funcionou sem autorização, a FM Central recebeu a fiscalização da ANATEL e, posteriormente, da Polícia Federal. A emissora foi fechada, os equipamentos de transmissão apreendidos e o senhor J. Alves, presidente da rádio, foi processado pela ilegalidade da emissora. Com a FM Central fechada os índios começaram a se mobilizar e fazer manifestações públicas para conseguir a concessão do canal.

Em 2005 o Ministério das Comunicações abriu um canal para Serviço de Radiodifusão Comunitária para a cidade de Caucaia. Todos os interessados na concessão deveriam enviar seus projetos para serem analisados e uma só associação seria a contemplada com o canal.

Como houve concorrência pela concessão do canal, onde muitas Igrejas e escolas enviaram seus projetos, a escolha pela entidade vencedora foi realizada através das manifestações de apoio da comunidade. E nesse critério a AMCC, que representava o interesse dos índios Tapeba, foi a grande vencedora: “em primeiro lugar ficou a rádio do Capuan com 800 pontos, o segundo lugar teve apenas 60 pontos”<sup>10</sup>.

No entanto, a publicação no Diário Oficial da União da concessão do canal à Associação dos Moradores e Comunicadores do Capuan – AMCC só foi feita em 2007. O processo foi enviado para aprovação do Congresso Nacional apenas no ano seguinte da publicação da concessão do canal à AMCC, no final do ano de 2008. A aprovação final, por sua vez, veio somente em agosto de 2009, após quase dez anos de luta pela criação e legalização da Rádio Comunitária FM Central de Capuan.

<sup>10</sup> Adelson Silva, entrevistado em setembro de 2009.



Observa-se, dessa maneira, que foram praticamente quatro anos apenas para legalizar a emissora. A burocracia exigida para legalização e a lentidão acerca de como são tramitados os processos ainda representam muitas restrições para a regulamentação do setor de radiodifusão de baixa potência.

Vale ressaltar que nos últimos dez anos o movimento indígena no Ceará sofreu mudanças. Como a rádio comunitária faz parte desse processo de luta, ela também mudou. O movimento se encontra em um momento de refluxo e isso limita e modifica a “fisionomia” da FM Central de Capuan.

As pessoas antigamente, no começo era mais engajado, era todo mundo mais unido, mas depois que teve uma participação política aí no meio, parece o pessoal desembandearam pra outro lado aí, então é complicado isso aí. (Antonio Carlos, 23 anos, Lagoa 1, entrevistado em outubro de 2009).

Inicialmente, quando a rádio surgiu, o movimento indígena estava mais organizado em torno da reelaboração das tradições e, principalmente, pela reconquista de suas terras. Isso dava um caráter mais politizado à FM Central, apesar de também transmitir músicas comerciais, como o brega e o forró.

A luta dos índios Tapeba, por sua vez, se desenvolve em dois sentidos, vai se tornando mais robusta e a organização da rádio esbarra nas formalidades para se tornar legal, exatamente no momento em que a luta indígena tinha este impulso e começava a ganhar mais espaço.

No entanto, o movimento indígena passa a enfrentar dificuldades próprias do movimento, pois nenhuma mobilização social dessa amplitude se desenvolve de uma vez. Em todo movimento se evidencia fluxos e refluxos, e os índios Tapeba viveram o auge desse processo de luta, que coincidiu com a luta inicial pela legalização da rádio, e em seguida tiveram um certo refluxo.

Possivelmente esse refluxo foi resultante da participação de lideranças indígenas na política local. Isso causou divergências internas e dificultou a organização e ampliação da luta indígena.

O que prejudica é a questão da união (...) entre o povo Tapeba mesmo. Enquanto a gente num decidir assim nós temos que dá prioridade ao povo Tapeba, essa rádio vai contribuir bastante na questão da articulação, se for uma questão de política, mas que seja desde a organização indígena Tapeba, que parta da organização Tapeba (Aleandro, 23 anos, Lagoa 1, entrevistado em outubro de 2009).



Portanto, existem dificuldades a serem superadas para que o movimento volte a ter um novo ascenso. Isso talvez influencie no papel e na própria intensidade do serviço que a FM Central pode prestar à causa indígena.

Atualmente – até o mês de outubro de 2009 - a programação está predominantemente voltada para o entretenimento. A programação é basicamente musical, com conteúdo semelhante aos programas das emissoras comerciais. Sem muitas informações, os programas são elaborados juntamente com os ouvintes que fazem os pedidos das músicas e oferecem para amigos e familiares, trazendo os ritmos da indústria fonográfica, como o Brega e forró. Pode-se dizer que até o momento, o *Tapeba Resgate para a Vida* é o único programa em que há conteúdo educativo, crítico, político e direcionado ao movimento social, cultural e político indígena. No entanto, atualmente o programa não funciona regularmente.

Por um lado, essa ampla programação vem a atender às formalidades que uma emissora comunitária deve seguir, o que acaba fazendo com que os apresentadores e organizadores da FM Central se preocupem em primeiro lugar com a audiência, com as formalidades, ter que “cair no gosto geral”, ou seja, ter uma programação que atenda à diversidade cultural das comunidades, incluindo índios e também não-índios.

Por outro lado, os próprios ouvintes se identificam e gostam da programação da rádio e dos gêneros musicais que são transmitidos. Os programas que tocam o ritmo brega, por exemplo, são os campeões de audiência. Pela ordem, os programas mais ouvidos são: 70% Bregão da 104,9, 60% Bregão da Central, 50% Jovem Guarda, 30% Central Musical (Forró) e 20% Forró do Batcat. Isso revela o resultado da interação que esses povos estabelecem com a indústria cultural e os ritmos comerciais, decorrente do próprio processo de reelaboração das suas tradições e cultura.

Contudo, apesar das semelhanças da programação da FM Central com as emissoras comerciais, ela é percebida pelos ouvintes como diferenciada. A principal diferença que os receptores percebem é o espaço que a FM Central de Capuan disponibiliza para a comunidade participar, opinião de 80% dos entrevistados, ao passo que nas outras eles não tem esse acesso.

A diferença é porque tem maior participação e, principalmente, a participação do povo indígena. Isso é uma grande diferença (Iracema, 38 anos, Lagoa 1, entrevistada em outubro de 2009).

A rádio Central ela é diferenciada porque na hora que a gente quiser colocar uma questão do movimento, (...) porque tem pessoas que ainda diz que não existe índios, mas a gente vai comprovar e a rádio



Central é um dos pontos que vai contribuir pra isso (Aleandro, 23 anos, Lagoa 1, entrevistado em outubro de 2009).

Além disso, há uma identificação muito forte pelo fato da rádio ser organizada por indígenas da própria comunidade Tapeba. E, principalmente, porque a emissora representa um instrumento para fortalecer a luta indígena.

Apesar desse papel ainda não estar sendo desempenhado com amplo sucesso, como deveria ser, em razão da própria retração do movimento, das divergências internas de lideranças indígenas e do menor envolvimento dos índios de um modo geral na luta, a FM Central poderá contribuir significativamente para o movimento indígena.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se que a Rádio Comunitária FM Central de Capuan trouxe mudanças significativas para o movimento dos índios Tapeba, principalmente, porque facilitou muito a comunicação entre o povo indígena. Percebeu-se também que além de ter o papel de articular, organizar e integrar os índios Tapeba, a rádio comunitária também assume duas outras funções: primeiro, serve como instrumento de reafirmação étnica, uma vez que é utilizada para publicizar a existência do povo Tapeba, sua cultura e luta pela demarcação de suas terras; segundo, a rádio também veio para promover a integração entre os índios através do entretenimento, onde os índios compartilham momentos de alegria, seja ouvindo os gêneros musicais que gostam, como o brega, ou participando dos programas, pedindo músicas e oferecendo para índios de outras localidades.

O papel da Rádio Comunitária FM Central de Capuan, de organizar e integrar os índios Tapeba, dessa forma, acontece na medida em que divulga o movimento indígena, a cultura, as tradições, a luta pela reconquista das suas terras - tanto para indígenas como para não-indígenas, transmite informações sobre o que acontece nas comunidades, como reuniões, eventos e retomadas de terras, convocando a participação de todos, etc.

À medida que programas como o *Tapeba Resgate para a Vida* forem mais explorados pelos organizadores da FM Central e a própria emissora for mais conhecida e valorizada pelo próprio povo indígena Tapeba, a rádio passará a ser mais valorizada pelos índios e identificada como um meio de comunicação de fundamental importância para a articulação das suas lutas e tudo isso irá fortalecer o movimento indígena como um todo.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRES, Max Maranhão Piorsky. **Povos e Comunidades tradicionais no Ceará.** In: PALITOT, Estevão Martins (org.). Na mata do Sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Secult / Museu do Ceará / IMOPEC, 2009. (vários autores)

BARRETTO FILHO, Henyo Trindade. **Tapebas, Tapebanos e Pernas-De-Pau de Caucaia, Ceará:** Da Etnogênese como processo social e luta simbólica. Mestrado em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993 - 30 p. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie165empdf.pdf>> Acesso em: 21 mar. 2009.

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical:** rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002. Tradução: Silvana Vieira.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio:** o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FERREIRA, Gisele Sayeg Nunes. **Sarney, FHC e Lula:** 22 anos de “conversas ao pé do rádio” e democracia. V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo, 2007 – 17 p. Disponível em: <[http://www.camara.gov.br/internet/plenario/ord\\_dia/OD%20120809.PDF](http://www.camara.gov.br/internet/plenario/ord_dia/OD%20120809.PDF)> Acesso em: 15 set. 2009.

GOMES, Alexandre Oliveira; VIEIRA NETO, João Paulo. **Museus e Memória indígena no Ceará:** a emergência étnica entre lembranças e esquecimentos. In: PALITOT, Estevão Martins (org.). Na mata do Sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Secult / Museu do Ceará / IMOPEC, 2009. (vários autores)

HÁ 500 ANOS. **FUNAI.** Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.html>> Acesso em: 30 ago. 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Atlas, 2001.

NOSSA HISTÓRIA. **TAPEBA.** Disponível em: <<http://www.tapeba.com.br/nossa-historia.php>> Acesso em: 26 mar. 09.

NUNES, Márcia Vidal. **As rádios comunitárias nas campanhas eleitorais:** exercício da cidadania ou instrumentalização (1998-2000) - Pós-Doutorado, apresentado no Departamento de Relações Públicas, Turismo e Propaganda da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, em 2002 – 13 p. Disponível em: <<http://www.unb.br/fac/comunicacaoepolitica/Marcia.pdf>> Acesso em: 15 set. 2009.



\_\_\_\_\_. **Rádio e Política: do Microfone ao Palanque** – Os Radialistas Políticos em Fortaleza (1982-1996). São Paulo: Annablume, 2000. (Originalmente apresentada como Tese doutorado na Universidade Federal do Ceará, 1998)

NUNES, Vanilda Paiva. **Educação Popular e educação de adultos**. São Paulo: Edições Loyola, 1973.

OLIVEIRA JUNIOR, Gerson Augusto de. **Torém: brincadeira dos índios velhos**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos, 1998.

OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de. **Escuta Sonora: educação não-formal, recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias**. Campinas-SP: [s.n], 2002.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985. 3ª edição.

PALITOT, Estevão Martins. **Na mata do Sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará**. Fortaleza: Secult / Museu do Ceará / IMOPEC, 2009. (vários autores)

PERUZZO, Cíclia M. Krohling. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania**. In: ROLIM, Renata Ribeiro (org.). **Rádio, movimentos sociais e direito à comunicação**. Recife: Oito de Março Gráfica e Editora, 2008. (Vários autores)

\_\_\_\_\_. **Comunicação dos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Participação nas Rádios Comunitárias no Brasil**. Artigo apresentado GT Cultura e Comunicação Popular, XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife-PE, 1998 - 14p. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/peruzzo-cicilia-radio-comunitaria-br.pdf>> Acesso em: 21 mar. 2009.

PIMENTEL, Fábio Prado. **O Rádio Educativo no Brasil, uma visão histórica**. Rio de Janeiro: Soarmec Editora, 1999. Monografia apresentada a UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro - 96 p. Disponível em: <<http://www.radioeducativo.org.br/800/..%5Cartigos%5Clivrofinal2.pdf>> Acesso em: 15 set. 2009.

RATTS, Alex. **Traços Étnicos: espacialidades e culturas negras e indígenas**. Fortaleza: Museu do Ceará / Secult, 2009.

ROLIM, Renata Ribeiro. **Positivização do direito à comunicação: limites, contradições e perspectivas para a lógica dos movimentos sociais**. In: ROLIM, Renata Ribeiro (org.). **Rádio,**



movimentos sociais e direito à comunicação. Recife: Oito de Março Gráfica e Editora, 2008.  
(vários autores)

SOUSA, Carlos Kleber Saraiva de. **Propaganda ideológica, mídia e cultura indígena no Ceará.** In: Tese de Pós graduação em Sociologia apresentada a UFC – Universidade Federal do Ceará – 2001, 15 p. Disponível em:

<<http://www.fic.br/v4/revista/pensarcom/02/textos/KleberSaraiva.doc>> Acesso em: 17 set. 2009

TÓFOLI, Ana Lúcia Farah. **Retomadas de terras Tapeba:** Entre a afirmação étnica, os descaminhos da demarcação territorial e o controle dos espaços. In: PALITOT, Estevão Martins (org.). Na mata do Sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Secult / Museu do Ceará / IMOPEC, 2009. (vários autores)

VALLE, Carlos Guilherme Octaviano do. **Aldeamentos indígenas no Ceará do século XIX:** revendo argumentos históricos sobre desaparecimento étnico. In: PALITOT, Estevão Martins (org.). Na mata do Sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Secult / Museu do Ceará / IMOPEC, 2009. (vários autores)